

# O CICLO DE FORMAÇÃO A'UWÊ E A ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

DELUCI, Luciana Akeme Sawasaki Manzano<sup>1</sup>

ROSA, Luciene de Moraes Rosa<sup>2</sup>

SILVA, Rita Natália Batista<sup>3</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a escola organizada por ciclo de formação humana, instituída pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, e sua relação com as fases de vida dos Xavante A'uwê Marãwatsédé. Partimos do pressuposto que todo o processo educativo A'uwê está fundamentado nos clãs, na faixa etária e no gênero. Portanto, a presença da escola, como um dos espaços educativos, criada pós contato, levou-nos a um questionamento: se a organização da escola em ciclo de formação humana parte da referencia não indígena como fica a relação com as fases de vida A'uwê? Para isso nos utilizamos da metodologia qualitativa para entender a demarcação das fases de vida A'uwê e a organização da escola em ciclos de formação humana. Os autores que fundamentam esse artigo são FERNANDES (2011), GIACCARIA (1990), REWAPTU (2010), LEEUWENBERG & SALIMON (1999), MAYBURY-LEWIS(1984). Os resultados indicam que é preciso compreender muito bem as fases de vida do povo A'uwê para mediar a implementação das políticas de educação do estado, principalmente o que diz respeito ao ciclo de formação humana nas escolas indígenas Nesse sentido, articular as fases de vida e os ciclos de formação humana, requer um profundo conhecimento de cada fase e de sua representação na cultura desses povos.

Palavra-chave: Ciclo de Formação Humana. A'uwê Marãwatsédé. Cultura Xavante.

## Introdução

O Estado de Mato Grosso conta com aproximadamente 43 povos indígenas e a maioria deles com especificidades culturais que precisam ser garantidas. Para tanto, as políticas educacionais têm se constituído a partir dos pilares da escola diferenciada e específica e requer reflexões sobre como deve se dar o diferencial quando se trata da organização curricular.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo o reconhecimento das fases de vida A'uwê Marãwatsédé e a articulação dessas fases com a proposta da organização escolar por ciclo de formação humana, nas escolas estaduais indígenas de MT, foi realizada junto ao povo Xavante de Marãiwatsédé no ano de 2012, por meio de entrevistas e encontros formativos com os professores e representantes da comunidade da aldeia Marãiwatsédé. Tendo como referencial teórico, FERNANDES (2011), GIACCARIA(1990), REWAPTU(2010), LEEUWENBERG & SALIMON (1999), MAYBURY-LEWIS(1984).

---

<sup>1</sup> Mestra em Desenvolvimento Sustentável junto a Povos Indígenas pela UnB.

<sup>2</sup> Mestra em História pela UFG.

<sup>3</sup> Especialista em Linguagens: Língua e Literatura pela UFMT.

Dessa forma esse relato está estruturado em três partes, em uma delas descrevemos as fases de vida e na outra buscamos a relação com a escolar organizada em ciclos e as considerações acerca do tema.

### **Organização social e as fases de vida A'uwẽ Xavante**

Para discutir a organização social e as fases de vida Xavante se faz necessário conhecermos/entendermos um pouco do universo cultural do povo A'uwẽ Uptabi (Xavante) e a forma como a referida sociedade se organiza.

De acordo com Lopes da Silva (1986), os A'uwẽ - Xavante juntamente com os Xerente (autodenominado Akwe), do Tocantins, formam o grupo Acuen, pertencente à família linguística Jê, do tronco Macro-jê, e são conhecidos como Jê centrais.

Em relação à sociedade A'uwẽ - Xavante, os estudos de Giaccaria (1990) mostram que ela está dividida em duas metades exogâmicas: A da direita (*Danhimire*) formada pelo clã "PO'REDZA'ÕNO" que quer dizer girino e a da esquerda (*Danhimi'e*) pelos clãs "ÕWAWË" que significa água grande. "Em outras comunidades ainda pode se ouvir falar sobre um terceiro clã o TOB'RATATO, nome onomatopéico de uma ave noturna". (GIACCARIA, 1990, p.60-61).

Em relação à idade, Leeuwenberg e Salimon (1999) dizem que os A'uwẽ Uptabi reconhecem dois tipos de classificação etária. A primeira é a categoria de idades que está relacionada às fases do ciclo da vida, no qual cada fase etária tem um nome específico com distinção entre gênero. Ao completar certas idades e apresentarem características corporais específicas, a pessoa passa para outra fase, na qual evoluem em graus de responsabilidade e obrigações. No quadro abaixo, apresentamos as fases de vida A'uwẽ.

<b>IDADE</b>	<b>FASE DA VIDA</b>	<b>HOMEM</b>	<b>MULHER</b>
0	De colo	Ai' utépré	Ai' utépré
0	Sentado	Ai' ute	Ai' uté
1-8	Brincando, com poucas obrigações	Watébrémi	Ba' ono
9-11	Aprendendo com os pais, preparação para a escola Xavante	Ai' repudu	Ba' ono
9-17	Formação tradicional por padrinho e madrinha	Wapté	Azarudu
16-22	Pré formação, participando nos rituais e competições, aptos ao casamento	Ritéiwa	Adabá – sem filhos
23-27	Casando, assumindo função de padrinhos e madrinhas	Dañohui' wa	A'raté com filhos

28-60	Adultos participando em todas as cerimônias e ações políticas	Iprédu	A'raté <sup>4</sup> com filhos
Mais de 60	Repassando conhecimentos tradicionais, coordenando cerimônias e rituais	Ihi	Ihi

Quadro 1 – Categorias de idade

Fonte: Leeuwenberg e Salimon – 1999

A idade apresentada por Leeuwenberg e Salimon (1999) foi desenvolvida com os A'uwê Apetseniwinhã - subgrupo A'uwê de Pimentel Barbosa. É importante registrar que essas idades são flexíveis, ou seja, podem sofrer alterações. Exemplo disso podemos perceber quando a referência são os A'uwê Marãiwatsédé. O motivo da flexibilidade das fases de idades entre os A'uwê, segundo Maybury Lewis, se dá em função de que:

Os Xavante não se preocupam em calcular a idade de seus filhos até que eles se tornem membros de uma classe de idade à qual pertencem. A partir daí, o que importa são as suas idades relativas, ou seja, a classe de idade à qual pertencem. Na prática todo menino que aparenta ser bastante grande para estar como os membros da nova classe de idade e que se comporta de acordo pode ser incorporado a ela. (MAYBURY LEWIS, 1984 p. 155)

Além dessa, os A'uwê possuem a outra classificação que é o sistema de classes de idade e está relacionada aos grupos de iniciação à vida social. Os homens, ainda adolescentes, que entram juntos na fase Wapté, possuem uma identidade comum e são reconhecidos como pertencentes a esse grupo até o final da vida. Assim, [...] “a maior parte do cerimonial Xavante é de fato, conduzido pela classe de idades”. (MAYBURY LEWIS, 1984, p.366). Portanto, aquele que não se constitui como membro de uma classe de idade não é reconhecido socialmente e é identificado genericamente como *atsitõ*.

A educação A'uwê abrange toda a vida, ou seja, inicia-se a partir da concepção da criança e segue até a fase adulta, na qual “[...] o pai encarregar-se-á, no caso do menino, de sua introdução à vida política; a mãe iniciará a menina nos trabalhos coletivos das mulheres, que a colocarão em relação com os grupos domésticos vizinhos e aparentados”. (LOPES DA SILVA, 1986, p. 250 - 251). A educação tem papel importante na família, onde a criança aprende os valores da sociedade A'uwê. Dentre eles, o respeito pelos clãs, principalmente pelo clã oposto, pelos anciãos e pelas mulheres.

Para que a criança A'uwê nasça com saúde e força existe uma preparação que envolve todo o arcabouço familiar, principalmente dos pais que passam por um processo de resguardo alimentar e de conduta até o nascimento do progenitor.

<sup>4</sup> Para os A'uwê Marãiwatsédé, nesta fase, as mulheres recebem a denominação de Pi'ö.

Através dos resguardos e cuidados próprios da comunidade de substância<sup>5</sup>, garantem-se a força e o desenvolvimento do corpo. Os tabus alimentares dos resguardos e os cuidados com o corpo significam a preocupação da sociedade Xavante em controlar as interferências possíveis da Natureza em seu seio; significam, ao mesmo tempo, uma apreensão simbólica dos fatos da Natureza pela sociedade. (LOPES DA SILVA, 1986, p. 251)

Dessa forma, em todo o percurso da vida A'uwẽ existem resguardos e tabus alimentares, alguns essenciais para o crescimento do corpo, outros para o fortalecimento do espírito e, ainda, para os “dons” e os sonhos. Assim, “A *bildung* ameríndia incide sobre o corpo antes do que sobre o espírito: Não há mudança espiritual que não passe por uma transformação do corpo”. (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 390)

Essa comunidade acredita na complexidade das relações e que uma ação pode afetar outras pessoas que compartilham do parentesco ou da classe de idades. Tal compreensão nos faz refletir sobre a forma de transmissão do conhecimento e dos processos que fazem parte da cosmologia do referido povo. Esses ensinamentos acontecem desde muito cedo, ou seja, desde que a criança nasce é classificado como Ai'utepré<sup>6</sup>. Nesse período, ela mama, brinca, senta, engatinha, entre outros.

Quando começa a andar é um Ai'uté e desenvolve mais a fala, brinca, conversa com a família, chama pelos parentes e amplia o conhecimento sobre a família. Além disso, começa a comer sozinho, sente falta da mãe, principalmente quando se ausenta, mas consegue ficar com os irmãos mais velhos e outras crianças para andar perto da casa.

A mudança de fase que corresponde quando a criança deixa de ingerir o leite materno; se menino, passa, então, a ser um watébrémi e, se menina, uma ba'õno. Nessa faixa etária os pais têm papel fundamental no ensino das leis e das regras sociais. Além disso, são pintadas para participar das danças, das festas e das corridas.

O filho observa o pai a fazer o arco e a flecha necessária para a caça e a pesca e acompanha o pai na roça, pois enquanto ele cava para plantar o filho fecha os buracos com a terra; ajuda a mãe na colheita da roça e carrega os produtos como abóbora, mandioca, batata, entre outros. Ainda auxilia na construção da casa, ou seja, carrega a água e ajuda as mulheres a pisar o arroz no pilão.

---

<sup>5</sup> Algumas culturas indígenas, em suas ideias relativas à concepção de vida e ao corpo, fazem com que os parentes mais próximos sintam-se como uma comunidade. E que esta comunidade se caracteriza pelas substâncias físicas compartilhadas. E de tal modo, que seus membros devem cuidar do próprio corpo em benefício físico dos demais membros. (LOPES DA SILVA, 1988, p.21)

<sup>6</sup>As descrições relativas às fases de vida (aiutepré à wapté) têm como referência as informações dadas pela comunidade de Marãiwatsédé.

Precisam também aprender a cozinhar e realizar e outras tarefas da casa, pois se a mãe estiver ocupada, ou acontecer algo, ele consegue fazer o que precisa. Pode sair para pescar com outros meninos, mas em dupla e/ou em grupo para que um cuide do outro. Quando estão em casa, cuidam dos irmãos mais novos. Além disso, eles aprendem a respeitar os mais velhos, as meninas, os avôs, os clãs e começam a ficar um tempo maior em casa, por orientação dos pais, pois iniciam o processo de preparação para a pré-adolescência.

Os pais e/ou os mais velhos contam as histórias de pescaria, os mitos e as caçadas do seu povo. Se for da vontade do pai, o filho pode aprender os remédios tradicionais com insetos e vegetais. Assim, caso venha a se machucar saberá como curar o ferimento. Alguns desses remédios podem ser utilizados para passar no corpo do wate bremi e ai'repudu para crescer e ficar forte.

A menina, na fase Ba'õno, também tem como atividade o plantio e a colheita de alimentos, na roça e no cerrado, para o sustento da família. Também faz a comida e leva para o irmão que está no Hö<sup>7</sup>, embora seja impedida de entrar naquele espaço. Caso o padrinho do irmão esteja no Hö é ele quem faz a entrega da refeição e transmite os recados para o Wapté.

A menina aprende a fazer tudo o que é de sua responsabilidade, ou seja, faz trabalho com o artesanato, ajuda a fazer a farinha de puba, lava as vasilhas, limpa a casa, junta o lixo, faz a higiene corporal, corta o cabelo, acompanha a mãe na busca de lenha, de água e a lavar a roupa no rio. Além disso, ajuda no preparo dos alimentos para as festas e dorme separada dos pais.

Nessa fase, a mãe tem muita preocupação com as meninas, tanto que evita que fiquem sozinhas, nessa faixa etária. As meninas aprendem as regras e as leis sociais, uma vez que podem acompanhar seu clã. Além disso, observam a mãe na preparação da tinta de carvão que é usada para os rituais e festas. A menina pode conversar somente com o cunhado que casou com a irmã e entregar comida. Nesse contexto, a menina percebe que o tratamento dado ao cunhado deve ser diferente em relação aos outros homens da aldeia, uma vez que a relação estabelecida será mantida ao longo da vida.

Nesta fase, a família tem o compromisso de escolher o rapaz para se casar com ela. Esse é um estágio importante no desenvolvimento de uma criança A'uwẽ, pois

[...] é nesta fase que ela toma consciência das distinções que são tão importantes na vida Xavante: à distinção entre meninos e meninas; entre pessoas da mesma idade e

---

<sup>7</sup> - Casa em que os adolescentes permanecem durante aproximadamente 5 anos e recebem os ensinamentos dos seus padrinhos.

os mais velhos (também agrupados por classes e categorias de idade); entre consanguíneos e afins. (MAYBURY LEWIS, 1984, p. 117)

Antes da idade wate breimi e ba'õno eles permanecem próximos do ambiente doméstico e mais ligados à mãe que, num ato simbólico, mantém guardado o cordão umbilical dos filhos. Quando o menino atinge a idade de Ai'repudu, a responsabilidade passa a ser do pai e a menina continua sob os ensinamentos da mãe, das tias e das avós. "A *Adzarudu*, menina, é a mãe que aconselha e ao *ai'repudu*, menino, é o pai que aconselha". (GIACCARIA, 1990, p.11).

O Ai'repudu, menino de 8 a 10 anos, o pai e a família começam a prepará-lo e a dar-lhe conselhos sobre a fase da adolescência. Ensinam os gestos que deve ter no Hö, pois precisam ter muito cuidado com determinados gestos. Exemplo disso é que nessa fase não deve levantar a cabeça, mas olhar para o chão enquanto circulam em fila. Caso isso não aconteça, a comunidade observa e comenta o referido gesto. Nesse período, somente o pai participa da educação do filho que sente saudade dos demais componentes da família, pois fica impedido de brincar com os irmãos e não pode andar sozinho, pois corre o risco de acontecer alguma coisa provocada por outra pessoa e/ou grupos.

Além disso, o jovem fica impedido de conversar com a cunhada para não perder a luta no Ói'ó. A mãe também aconselha o filho sobre seu comportamento, uma vez que vai morar com outros jovens no HÖ e serão do mesmo grupo do sistema de classe de idade.

Nesse período, a voz do jovem começa a mudar e ele fica impedido de conversar com as meninas para não sofrer influência no tom de voz, ou seja, se não conversar a voz será fina, firme e alta.

Durante o processo de furação de orelhas do grupo antecessor, esses jovens ajudam na no corte e na retirada do Buruteihi - primeiro pauzinho colocado durante a furação da orelha. Todo esse processo de retirada do buruteihi os jovens são acompanhados pelos futuros padrinhos.

Durante a fase de Ai'repudu os jovens ficam impedidos de comer tatu, jabuti, tamanduás, peixe pintado, castanha do baru e mingau de milho Xavante. Antigamente, a dieta dos jovens era de répteis e sucuri. Hoje podem comer peixes de escama, paca e sangue da anta (fígado). Além disso, passam a bexiga da anta macho no corpo inteiro, pois acreditam que isso os faz correr muito. Em síntese, procuram comer somente os animais que correm muito, como o caititu, o veado e a cutia. Evitam comer jabuti para não ficarem lentos e preguiçosos. Além disso, também não comem aves pequenas, mas comem ema e siriema. Em relação a

siriema existe toda uma tradição em que o pai tira a garganta da siriema e passa no pescoço do Ai'repudu para auxiliar no desenvolvimento da voz.

Em relação à menina Adzarudu, a mãe é sua principal responsável, uma vez que aconselha a filha que, nessa idade, se torna uma mocinha, pois começa a aparecer os seios e a perceber as diferenças em relação à infância. Ela passa a respeitar mais a família e as outras pessoas que não fazem parte de sua família. A mãe a orienta para que se cuide, uma vez que começa a assumir outros compromissos como: aprender a cozinhar, a cuidar da casa e dos irmãos/irmãs e a realizar tarefas que são específicas das mulheres. Isso tudo para que possa, no futuro, cuidar do marido e dos próprios filhos.

Além disso, aprende a fazer cestos, ornamentos de algodão, retirar a tinta de urucum, preparar a roça para o plantio, fazer a colheita dos produtos e de frutas como: coco, palmeira, batata, inajá, entre outros. Recolhe ainda palha de buriti e sementes utilizadas para confecção do artesanato e dos enfeites. Acrescenta-se a tudo isso, a busca da lenha na mata. É importante observar que tudo isso a menina faz acompanhada pela mãe, tia e/ou avó.

Na dieta alimentar da Adzarudua não é permitido comer mingau de jatobá que possui um cheiro muito ruim, carne de anta, de tatu, de mandi e jabuticaba. Também deixam de tomar suco de limão e refrigerantes. Porém, podem se alimentar de murici, de pequi, de buriti, de bocaiúva, de castanha, de coquinho, de mirindiba, de matrinchá, de piau, de carne de frango e de gado, de batata rasteira e de alimentos industrializados e do waradzu. Quando estão na cidade, comem arroz e pão, uma vez que não pode comer ovo, linguiça e outras misturas.

De acordo com a cultura A'uwẽ, a adzarudu aprende que ao ficar grávida ou estiver doente, precisa modificar a dieta alimentar. Para isso, aprende sobre as diferentes variedades de vegetação e as carnes dos diferentes animais e peixes. Além disso, conhece os insetos, a encontrar e retirar a batata da terra, a coletar e utilizar o mel para auxiliar na saúde do bebê, ou seja, o mel é bastante utilizado para curar o 'chiado' no peito do bebê. Além disso, a mãe ensina sobre a coleta da melhor lenha para fazer o fogo. Nessa ocasião, a mãe orienta a filha para não recolher a lenha que foi derrubada pelos raios.

A fase de Adaba se inicia com os preparativos do casamento Adzarudu, na qual a menina é pintada, pelo padrinho, com uma tinta que indica a virgindade. O padrinho também é responsável pelos preparativos do artesanato e dos enfeites que são utilizados na adaba durante a cerimônia do casamento. Além disso, o padrinho tem a responsabilidade de observar se o noivo está 'pronto' para casar.

Antes do casamento o noivo precisa providenciar a caça de um animal. Esse ritual envolve toda a família que se organiza, tanto antes quanto durante a caçada. Assim que efetuar a caça o noivo carrega o animal, no cesto, até a casa da futura esposa.

Para que se inicie a vida do Wapté, os anciãos organizam a festa para a construção do Hö, ou seja, a futura moradia dos adolescentes. Depois de construída, os anciãos se dedicam à preparação do início da festa. Nesse contexto, também é iniciado os ensinamentos dos Ipredu para os futuros padrinhos dos ai'repudu, que serão wapté, depois que forem para o Hö. Para a festa, o pai pinta o corpo do menino, coloca algodão na testa e aconselha o jovem. Em seguida, os anciãos chamam os jovens ao centro da aldeia e eles devem permanecer com a cabeça baixa, uma vez que o gesto mostra que se transformaram em um adolescente – um Wapté - de verdade. Depois da festa, os Wapté convivem somente com os padrinhos que acompanham e aconselham, principalmente para respeitar as outras pessoas de sua comunidade. Quando o Wapté sai de sua casa para morar no Hö, todos os membros da família choram, porque o jovem passa a fazer parte da vida de adolescente e a viver fora da residência da família.

A educação, dos onze aos dezessete/dezoito anos, é a mais aprimorada, pois os meninos são introduzidos nos grupos de idade e passam a viver completamente separados dos pais, mas assistidos por um grupo de padrinhos que ensinam noções teóricas, entre outros conhecimentos necessários à sobrevivência. É o período mais importante na vida dos adolescentes, uma vez que “[...] são o centro das várias cerimônias e ritos. Cada Wapté tem um padrinho determinado. Mas todo o grupo de padrinhos é padrinho do grupo dos Wapté”. (GIACCARIA, 1990, p.9)

Na sociedade A'uwẽ Uptabi, segundo Lopes da Silva (1986), espera-se dos homens que sejam “bravos”, resistentes, fortes de corpo e de espírito e que saiam do domínio doméstico a que pertencem e assumam sua posição no mundo social e político da aldeia. “Tornar-se bravo (tsahiti) significa, para os Xavante, uma alteração fundamental e necessária, prezada e esperada: alteração de estado do próprio ser”. (LOPES DA SILVA, 1986, p.253). Das mulheres se espera a generosidade (tsõprubdi), pois sua ação de vida ocorre no âmbito familiar.

Passado o processo de iniciação, moças e rapazes estão aptos para efetivar o matrimônio, pois a iniciação também tem como finalidade a preparação para o casamento. “Em todas as cerimônias os rapazes são conscientizados sobre o significado e valor do casamento para o indivíduo, para a família e para o grupo”. (GIACCARIA, 1990, p.12)

A vida adulta para ambos- meninos e meninas – é dividida em 4 fases: iniciados recentes ('ritei'wa); jovens adultos (ipredupté ou da-nohui'wa); adulto maduros (iprédu) e velhos (ihí). Depois que um xavante morre passa a pertencer à categoria dos hoimana'u'ö (ancestrais, também conhecidos como sare'wa ou wazapari'wa dependendo do contexto), que podem renascer num continua ciclo de vida. (GRAHAM, 2008, p.2)

A iniciação social acontece tanto para os homens quanto para as mulheres, mas a separação da família e a vida no Hö ocorrem somente para os homens, pois na sociedade Xavante é ele quem desempenha papel central nas relações sociais, visto que o espaço de domínio da mulher é o da casa e o da família.

Assim, a família e a sociedade A'uwẽ têm sido primordiais para a transmissão da cultura e da formação da identidade, utilizando-se, para isso, de seus próprios instrumentos de transmissão dos conhecimentos e dos valores.

Nesse contexto, a escola foi inserida na comunidade de Marãiwatsede e tem se constituído como fundamental para o complemento aos conhecimentos dos A'uwẽ. Isso decorreu de todo uma preocupação dos pais com a falta de atendimento escolar aos filhos, uma vez que não tinham como estudar em outros lugares. Isso fez com que se reunissem para discutir a necessidade de terem uma escola. Em 2005, segundo Rewaptu (2012), foi criada, na aldeia *Marãiwatsédé*, uma escola construída pela comunidade, a fim de que os filhos pudessem estudar. Isso fez com que se intensificassem toda uma preocupação com a articulação das faixas etárias da cultura com a organização dos ciclos de formação humana que ainda precisa se melhor compreendida por todos.

### **A escola indígena organizada em ciclo de formação humana**

A comunidade A'uwẽ Marãiwatsédé possui todo um processo de educação que envolve diferentes tempos e espaços. Diante disso, buscamos entender como se apresentam as propostas de educação desencadeadas pelas instâncias governamentais para se constituir a organização escolar para as escolas indígenas.

O art. 23 da LDB n. 9394/96 versa sobre as diferentes possibilidades de organização da educação básica ao dizer que pode ser:

[...] séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar. (BRZEZINSKI, 2000, p.251)

Dentre essas possibilidades segundo Mainardes (2011), pode-se dizer que a formulação e a implementação de políticas de organização da escolaridade em ciclos é complexa, pois para se avançar qualitativamente em relação à escola seriada, a política de ciclos demanda uma reestruturação do sistema de organização escolar e promoção dos alunos e também do currículo, das metodologias, da avaliação, da gestão da escola, do processo de formação permanente dos professores, da infraestrutura escolar, das condições de trabalho docente com mecanismos de apoio à essa organização.

No estado de Mato Grosso a política de ciclo foi implementada para organizar o ensino fundamental em ciclos de formação humana para superar a visão fragmentada imposta pela escola organizada em séries. Assim,

Os ciclos de formação buscam articular as fases de desenvolvimento humano com as características pessoais do aluno e suas vivências socioculturais e educacionais. Nessa perspectiva, concebe-se a educação como processo de formação humana que se dá em diferentes espaços, tempos e conhecimentos, em diferentes instituições, dentre as quais se destaca o sistema educativo escolar, a escola. Assim, a formação e o desenvolvimento humano se articulam e ignorar essa relação fragiliza significativamente as finalidades da existência da escola. (FERNANDES, 2011, p.3)

Essa organização visa dar uma mobilidade maior no tempo respeitando a temporalidade da aprendizagem de acordo com as etapas do desenvolvimento humano “do ciclo vital, dos processos de relação humana com o ambiente, a sociedade, o conhecimento, a história, o futuro, a identidade cultural” (REFERENCIAIS DO SINTEP/MT PARA CONEC/MT, 2012). Em Mato Grosso o ensino fundamental está estruturado da seguinte forma:

Ciclos	Fases	Agrupamentos	Fase do Desenvolvimento
I ciclo	1ª fase	6 a 7 anos	Infância
	2ª fase	7 a 8 anos	
	3ª fase	8 a 9 anos	
II ciclo	1ª fase	9 a 10 anos	Pré-adolescência
	2ª fase	10 a 11 anos	
	3ª fase	11 a 12 anos	
III ciclo	1ª fase	12 a 13 anos	Adolescência
	2ª fase	13 a 14 anos	
	3ª fase	14 a 15 anos	

Quadro 3 - Estrutura da escola organizada por ciclo de formação humana Fonte: Mato Grosso, 2001.

Considerando que a organização em ciclos visa romper com a seriação e permitir uma flexibilidade maior de tempo dentro do mesmo ciclo, a mudança acabou sendo redundante, uma vez que o ensino e as ações continuaram sendo organizadas em fases anuais. Diante

disso, acreditamos que é preciso avançar, principalmente em relação às ações pedagógicas arraigadas nas concepções que nortearam a escola organizada em série. Em relação ao ciclo, é importante frisar que,

[...] na perspectiva de *ciclos de formação*, as posições assumidas não estão comprometidas com a simplificação da não reprovação, com a aprovação de todos a qualquer preço, sem considerar a necessária aprendizagem dos conhecimentos escolares, sem levar a sério a cultura do aluno, desconsiderando a formação para o mundo do trabalho na sociedade contemporânea. (FERNANDES, 2011, p.4)

Em relação às escolas indígenas, tem-se a preocupação de realizar estudos, junto com a comunidade local, para entender se a organização proposta pelo estado de Mato Grosso tem relação com as fases da vida presente na organização social do referido povo. Em Marãiwatsédé esse levantamento foi realizado a partir de discussões com a comunidade para entendermos melhor as fases presentes na organização social do povo A'uwẽ. Para isso, tomamos como referência a fala dos anciãos, dos professores e o PPP da escola estadual de Marãiwatsédé.

É importante ressaltar que a participação dos anciãos foi fundamental, pois, quando surgiam dúvidas e discussões em relação à determinada fase, era um deles quem esclarecia aos demais participantes.

Todas essas discussões vieram ao encontro da afirmação de Rewaptu (2011) de que o projeto político-pedagógico - PPP<sup>8</sup>- da escola atende às necessidades da comunidade, mas falta o currículo e o planejamento. Incentivados pela professora Carolina Rewaptu todos os profissionais da escola se propuseram, junto com a comunidade, a iniciar as discussões sobre a elaboração do currículo escolar.

Observando as três fases de vida Xavante presentes na escola, merece destaque a primeira que diz respeito à fase em que se referem à escola como “o segundo espaço da família”. É preciso compreender melhor essa afirmação, com os professores, uma vez que família e escolas possuem funções diferentes, embora convergentes. A escola deve considerar o conhecimento cotidiano, como ponto de partida para ensinar os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, a fim de que os alunos não sejam excluídos desses saberes.

A escola é o local privilegiado de apropriação sistemática e organizada dos conhecimentos necessários à formação do cidadão. A escola é, então, a instituição cuja função precípua é a de ensinar, e ensinar bem, a ler, a escrever, a contar, a entender princípios das ciências sociais e naturais, etc. (BRASIL, 1993, p.14)

---

<sup>8</sup> - Projeto Político-pedagógico.

A educação escolar se constitui como mais um dos espaços de educação da vida A'uwê Marãiwatsédé. Ela exerce papel importante na transmissão de conteúdos científicos, mesmo para uma comunidade que, por um lado, possui raízes profundas nas tradições e, por outro, considera que a cultura está em constante movimento. Para isso é necessário agregar, ampliar e recriar os saberes.

Para entendermos as variações entre as fases da vida A'uwê e a organização em ciclo de formação humana, apresentamos o seguinte quadro:

<b>Fase da vida a'uwê</b>	<b>Idades</b>	<b>Ciclo</b>	<b>Idades</b>
Waté bremi e baono	4 a 8 anos	Educação infantil	4 e 5 anos
		I ciclo	6, 7 e 8 anos
Ai'repudu e Adzarudu	8 a 11 anos	II ciclo	9, 10 e 11 anos
Wapté <sup>9</sup>	12 a 18 anos	III ciclo	12,13,14 anos
		Ensino Médio	15, 16, 17 anos
Adaba <sup>10</sup>	12 a 18 anos	III ciclo	12,13,14 anos
		Ensino médio	15,16,17 anos

Quadro 4 - Fases da vida do povo A'uwê Marãiwatsédé e os ciclos  
Fonte: Anciãos da comunidade de Marãiwatsédé

Esse quadro comparativo evidencia possibilidades de relações entre fases de vida e ciclo, porém, diante das discussões apresentadas acima compreendemos que existem outras formas de organização escolar para o povo Xavante, visto a flexibilidade com que ocorre o agrupamento de idade bem como as características culturais e subjetivas que promovem. Dentre elas ousamos trazer uma possibilidade a partir da fala de um professor durante o encontro de coordenadores Xavante:

A organização curricular precisa considerar os ciclos da vida do povo Auwê Uptabi-Xavante e podem dialogar com a organização da educação escolar podem ser pensados em cinco fases da vida. E são apresentados da seguinte forma I Ciclo ai'repudu e ba'öno, II Ciclo wapté e adza'rudu (adolescente), III Ciclo ritei'wa e adabá, IV Ciclo ai'bo e araté e V Ciclo ipredu e pi'ö. As relações sócio-políticas do povo têm que fazer do currículo (XISTO TSENRENHI'RU TSERENHIMI'RAMI, 2015).

A partir dessa reflexão reforça-se a complexidade descrita por Mainardes que avança em um contexto cultural diverso que constitui o contexto sócio-histórico de Mato Grosso e as interfaces com a educação escolar.

<sup>9</sup>Fase que caracteriza-se pelo afastamento da família e moradia no Hö, casa dos adolescentes, ficando sob responsabilidade do padrinho até a passagem para a fase 'rite'wa.

<sup>10</sup> Algumas nesta idade já podem ter filhos e sendo chamada a partir da maternidade de Ai'raté.

## Considerações Finais

Se considerarmos como ponto de partida as fases da vida do povo Xavante, a política de organização da escola em ciclo de formação humana, existem descompassos entre as fases e idades, porém, isso não se constitui em impedimento para sua efetivação, e sim em desafio que precisa ser considerado durante a organização das faixas etária e a organização, em especial o currículo escolar para essa comunidade, uma vez que não se pode fazer uma simples transposição delas.

É preciso compreender muito bem as fases de vida do povo A'uwẽ para mediar a implementação das políticas de educação do estado, principalmente o que diz respeito ao ciclo de formação humana nas escolas indígenas. Nesse sentido, articular as fases de vida e os ciclos de formação humana, requer um profundo conhecimento de cada fase e de sua representação na cultura desses povos. Caso isso seja ignorado, podem se constituir entraves para a relação sociocultural e o espaço escolar, com isso perpetuar a colonização desse espaço.

Há de se pensar em estratégias políticas e pedagógicas para identificar como se dará o ciclo de formação A'uwẽ na escola organizada em ciclos e que essas possam ser referências para discussão com outros povos.

## Referências Bibliográficas:

BRASIL. **DIRETRIZES para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena**. Brasília: 1993 MEC, SEF, 1993. 22p. (Cadernos educação básica. Série institucional,2).

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394. Brasília, 1996.

BRZEZINSKI, Íria. (Org.). **LDB interpretada: diversos olhares se entrecruzam**. 3. ed. revisada. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Ministério da Educação. Brasília: MEC/SEF, 2002.

FERNANDES, Jorcelina Elisabeth. **A Organização da Escola de Ensino Fundamental em Ciclos de Formação da Rede Estadual de Mato Grosso: concepções, estratégias e perspectivas inovadoras** Texto apresentado no VIII Encontro Estadual de Educação do SINTEP-MT: Demanda da Educação e Organização Curricular realizado em 14 e 15 de outubro de 2011 – Centro de Eventos do Pantanal – Cuiabá-MT.

GIACCARIA, Bartolomeu. Ensaio. **Pedagogia Xavante**. Aprofundamento Antropológico. Campo Grande: Editora: UCDB 1990.

GRAHAM, Laura. **Xavante**. Povos Indígenas no Brasil. São Paulo: ISA, 2008. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xavante> Acesso em: 15 ab. 2012 e 8 set 2012

LEEUWENBERG, Frans & SALIMON, Mario. **Para sempre A'uwê**. Os xavante na balança da civilização. Brasília, 1999.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Escola Ciclada de Mato Grosso: novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir, ser e fazer**. 2. ed. Cuiabá: Seduc, 2001.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações Curriculares: Diversidades Educacionais**. Cuiabá: Defanti, 2012. 308p.

MAINARDES, Jefferson. A organização da escolaridade em ciclos e política de currículo. Revista e-curriculum, São Paulo, v 7, n1 Abril, 2011. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>. Acesso em 14/09/15.

MAYBURY-LEWIS, David. **A sociedade Xavante**. Trad. Aracy Lopes da Silva. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

REWAPTU, Carolina. **Costume tradicional do povo Xavante**: a relação de parentesco na sala de aula. 2010, Monografia de Conclusão de Curso em Pós-Graduação em Educação Indígena - Universidade Estadual de Mato Grosso- UNEMAT. Campus Barra do Bugres, 2010.

SINTEP. Referenciais do Sindicato dos Trabalhadores da Educação Pública de MT- SINTEP/MT para a Conferência Estadual de Avaliação do Ciclo em MT - CONEC/MT, 2012.